

Pinheiro

LUÍS DE PINA

Prof. aux. da Faculdade de Medicina do Porto

**“A Igreja na História
da
Medicina Portuguesa,”**

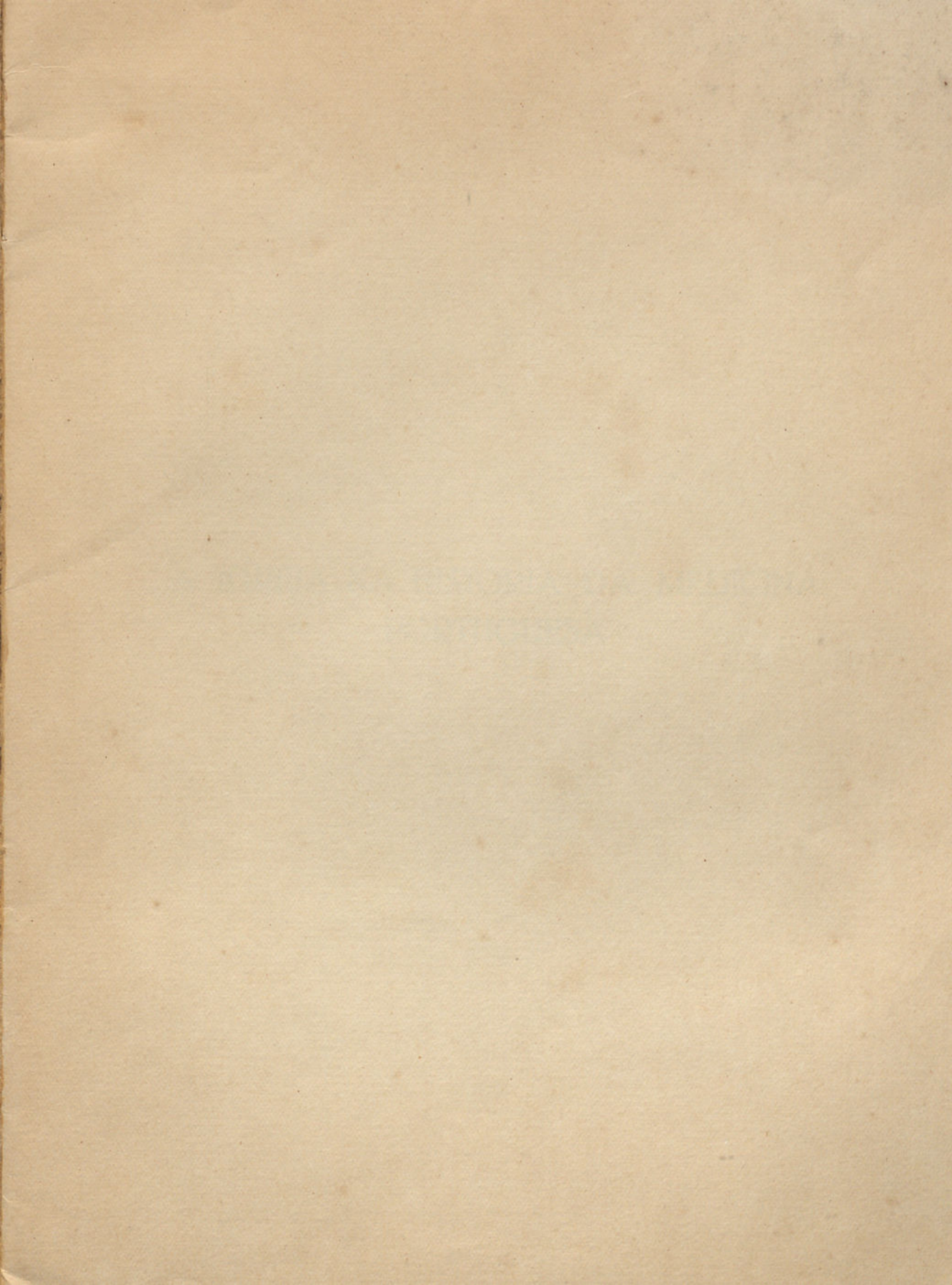
Separata

do

II Volume do “Arquivo Histórico de Portugal»



LISBOA — 1936



A IGREJA NA HISTÓRIA DA MEDICINA
PORTUGUESA

LUÍS DE PINA

Prof. aux. da Faculdade de Medicina do Porto

“A Igreja na História da Medicina Portuguesa,”

Separata

do

II Volume do “Arquivo Histórico de Portugal»



Arquivo Histórico de Portugal

RC
MAXE
61
PINA

LISBOA — 1936

Noël Hallé, no seu livro «Éléments de Philosophie Médicale» (1) divide o ciclo evolutivo da Medicina em três períodos: religioso, filósofo e científico, fazendo-os corresponder aos três estados da lei de Comte: teológico, metafísico e positivo, respeitantes ao progressivo desenvolvimento do espírito do Homem. Embora Hallé suspenda o período religioso no momento histórico do aparecimento dos Asclepiadas — médicos-sacerdotes de Esculápio — deve notar-se que a Medicina, na Idade-Média, em grande parte, foi puramente religiosa e sacerdotal-cristã.

O historiador alemão Dieppen (2) reforça êste comentário, ao caracterizar a medicina medieval na sua falta de individualidade e independência, referindo-se às ruínas da Medicina antiga: «*La Edad Média era impotente para edificar de nuevo sobre aquellas ruinas. Las mejores inteligencias se consagraban al Cristianismo, que en sus albores luchaba por sua independencia. Aun cuando no predominó un bando impulsor al ascetismo, hasta separarse por completo del médico y de la medicina, a pesar de lo meritorio que debia de ser a los ojos de los cristianos el cuidado de pobres y enfermos, que el desarrollo de la Medicina no podia por menos que ser provechoso, y que la moral médica de los cristianos comparada con la de los*

(1) Noël Hallé — Paris, 1926.

(2) P. Dieppen — *Historia de la Medicina*, tradução de G. del Real, 2.ª edição, Barcelona, 1932.

antiguos representa un considerable progreso, las fuerzas más solidas perteneciam a la lucha por las ideas religiosas; el centro de gravedad de la vida se desplazó más allá de lo terreno, muy favorable para el desenvolvimiento de la Medicina.

Despues del triunfo de la nueva religión mantuvo ésta durante largo tiempo, y bajo el influjo del clericalismo, el acorde fundamental de la ciencia».

Quem profundar os meandros da história médica geral e os percorrer, de olhos bem abertos e limpos, terá de fazer notar, com a sinceridade própria da História, a existência dessa fase cristã que, em muitos campos da Medicina, a consolidou e, até, fêz progredir.

Desde já o digo, em boa verdade: um dos seus mais solenes e admiráveis aspectos foi, positivamente, o aperfeiçoamento da moral médica, moldada nas tão sedutoras bases da nova moral cristã. E, se outro valor do Cristianismo na Medicina não pudéssemos mostrar, só êsse bastaria.

A influência cristã na Medicina era inevitável.

O período hipocrático, nascido com o maior médico da antiguidade, Hipócrates — período largamente envolvido nas velhas orientações egípcias, caldaicas, assírias, gregas e outras — iria sofrer, quando Roma conquistasse o mundo, os efeitos dos naturais fenómenos aparecidos após as vitórias cesarianas e, dentre êsses, o advento do Cristianismo.

Foi no tempo de Tibério, todos o sabem, que na Judeia, escreveu Hallé, empregando as mesmas palavras de Charles Richet, em sua «História Geral», «*se passait le plus grand évènement de l'histoire, la mort de Jésus-Christ!*».

Et, trois siècles plus tard, la petite secte judaïque, émigrée à Rome, persecutée, baignée dans le sang des martyrs, avait conquis, en convertissant les païens, la plus grand partie du monde romain.

L'empire, qui lui a préparé les voies, disparaît sous l'invasion des Barbares. Une force nouvelle, spirituelle celle-là, s'est manifestée, qui va créer le monde nouveau. Stupefiant aventure, qui ne peut s'expliquer du point de vue historique, par des moyens purement humains! Sous le flot des envahisseurs venus du nord-est, la civilisation romaine et le paganisme sont submergés, et c'est le chaos. Mais la croyance nouvelle demeure, qui va sauver l'humanité en refaisant une civilisation: celle-ci sera chrétienne» (1).

*
* *
*

Para bem orientar êste assunto, teremos de retrogradar à mais antiga

(1) Noël Hallé — *Op. cit.*

história, procurando os elementos que permitam estudar, em rápida passagem, a união da Medicina com o espírito religioso do Homem primitivo e pré-cristão.

Nos começos, a Medicina foi demoníaca, supersticiosa, concebida no próprio empirismo. Inulto, selvagem, medroso, o homem primitivo das montanhas, das selvas e dos desertos, médico de si mesmo, buscava ansioso a explicação das suas doenças e das grandes epidemias, somente encontrando o mistério.

Desarmado, inquieto e triste, apavorado ante seus efeitos, os homens paleolíticos e neolíticos tudo explicavam porém, ou tentavam explicar, enganando ingênuamente o medo que os roía, por acções do sobrenatural, olhando o sol, as trovoadas, a luz e a sombra, as estrêlas e o mar, as rochas e as árvores, os vulcões e os terremotos, como deuses poderosos dos quais irradiavam, em lúgubres fluxos, as moléstias e seus desastres!

O pavor criou a medicina primitiva, e a ignorância dos factos positivos originou a mais simples terapêutica.

A oração, o ensalmo, o grito, a dança, o amuleto, eu sei lá, constituíam a pobre bagagem do milenário terapeuta.

A natureza era a sua grande divindade, cêdo reproduzida em muitos outros dêuses, a água, o sol, a lua, a árvore, o animal fantástico, as pedras, e mais, e mais.

Nascem os cultos. Agrupados em pequenas tribus, sem um chefe social ou religioso a orientá-los, vão vivendo anárquicamente, cada uma com seus costumes, suas crenças e sua medicina de pavor e agoiros, exercida por inconscientes feiticeiros, dignos ascendentes dos curandeiros de hoje!

A ideia de *alma* brota nos rudes cérebros dos nossos antepassados, nascendo assim a concepção da medicina animista.

Do complexo tumultuar dos receios e processos médicos da velha humanidade, germina a medicina mágica e sacerdotal, não devendo esquecer-se que, a-pesar-de tão grosseiro empirismo, usavam-se práticas originadas numa tenaz e meticolosa observação da natureza e do organismo, quer na parte médica, quer na cirúrgica.

Basta estudar e examinar detalhadamente a medicina popular e a dos actuais homens primitivos, para fazermos uma leve ideia do que fôsse a de então!

Como neste trabalho vamos tratar, em especial, da medicina medieva, cumpre-nos desde já repetir estas judiciosas palavras de Diepgen: «*el influxo ejercido por la concepción religiosa del mundo en la Medecina no es, en modo alguno, exclusivo del Cristianismo ni de la Edad Media... ...La medicina es fruto de sua epoca...*» (1).

(1) P. Diepgen — *Op. cit.*

O ilustre professor de história da Medicina em Friburgo, diz, noutro ponto:

«*En un grado más elevado de civilización aparece ya la enfermedad como un castigo o como una prueba de una divindad más o menos éticamente idealizada*».

Isso originou a medicina teúrgica, repleta de práticas cultuais, como as orações, as consultas a oráculos, os sacrifícios, o exame das vísceras de animais nos holocaustos, os jejuns, etc.

É nesta fase que se encontra a Medicina na Mesopotâmia, no Egipto, na Índia, na América, e noutros países.

Cada terra com seu uso... e por isso cada povo adorava um olimpo bem povoado de deuses vários: a Grécia com a Mater Magna, com Esculápio, Epione, Iaso, Higeia, Panacea, e mais; o Egipto com Imhotep, Isis, Sechmet; a Índia, com Silva, Sitala, etc., etc.

O carácter religioso de toda essa medicina verifica-se continuamente, erguiam-se templos às divindades, onde os clínicos-sacerdotes esperavam os clientes devotos que, por sua vez, debaixo da protecção do deus invocado, dêle esperavam a cura de seus males.

Típica policlinica foi o *iatreion* grego, de Esculápio, com seus sacerdotes-médicos, os *asclepiades*; alguns desses consultórios-templos *Asclepieion*), levantavam-se em Triikka (Thessália), Epidauro, Cós, Pér-gamo, etc.

Com seu poder sobrenatural, Esculápio dominava a medicina helénica dos templos misteriosos e maravilhosos, de saber dinástico e hereditário.

A-par-dessa, existia, naturalmente, a medicina laica racionalista, passante de pais a filhos, estudada em escolas notáveis, como as de Rodes, Crótona, Cnido, Cós, etc.

Com a chamada era dos filósofos naturalistas — alvorada do estudo das sciências naturais — grande remodelação sofreu toda essa medicina empírica e teúrgica; perdeu, em grande parte, o seu carácter sobrenatural, orientando-se no sentido já positivo daquelas sciências.

Nascem as escolas filosóficas pre-aristotélicas com Thales de Mileto, 600 anos de Jesus Cristo (640-540), por alguém chamado a Pai da Filosofia; as seitas derivadas desse movimento foram as escolas jónica, pitagórica, eleata, atomista, cínica e edonista (sofistas), a *Accademia* e a peripatética.

A doutrina da escola dos filósofos, nascida com Thales, chama-se *fisicismo jónio*. A Medicina, até Hipócrates, di-lo Garrison, «*era considerada simplesmente como um ramo da filosofia*» (1). Esta concepção vai-se

(1) F. Garrison — *Introducción a la Historia de la Medicina*. (Tradução de G. del Real), Madrid, 1921.

arrastando até tarde. Na Idade Média era também considerada como fazendo parte da *Física*, donde o primitivo nome de *físicos* dados aos médicos.

Na Escola Jônica notabilizam-se Thales de Mileto, Anaximandro, Anaximene e outros; na Pitagórica, Pitágoras de Samos, Alcmeon de Crotona, Filolao de Taranto; na Escola Eleata contam-se Xenófanes de Colofone, Zenone de Elea e mais; Leucipo e Demócrito de Abdera, atomistas; Antistenes de Atenas e Aristipo de Cirene originaram, respectivamente, as Escolas Clínica e Edonista. Sofistas: Protágoras, Euclides de Megara, Platão; dêste deriva a *antiga Accademia*. Sócrates e o Sofismo. Aristóteles de Estagira funda a Escola Peripática. Outros filósofos se seguem: Teofrasto, Eudemo, Aristosseno, Dicearco, Strátone e Ménone.

Sobre Aristóteles e Platão cêdo voltaremos a falar. Antes, porém, referir-nos-emos à existência dos filósofos chamados post-aristotélicos, como os estóicos epicuristas, ecléticos, scépticos, etc.

Não podendo deter-me no estudo destas escolas e seus membros, certo não ser êsse pròpriamente, o fim desta palestra, passaremos a Hipócrates, de Cós, que viveu de 460 a 377 antes de Cristo. Êste grande médico e as doutrinas das escolas de seu tempo, Cnido, Cós e Siciliana, modificam o espírito da Medicina, abatendo-se o domínio da vaga espèculação, firmando-se na experiência.

Como se sabe, a Medicina desenvolveu-se então naquele brilhante período da vida helénica — o século das Luzes, com Péricles na vanguarda e no govêrno.

Os filósofos iam explicando o Homem, a Natureza, o Universo, a Alma, a Vida, Deus!

Assim floresce a corrente médica dogmática-filosófico-naturalista. Cêrca de 300 anos antes do nascimento de Jesus-Cristo aparecem as notabilíssimas figuras de Platão e Aristóteles, já mencionadas. Ao primeiro, deve bastante a Medicina. São interessantes as localizações que apontava à alma intellectual (cérebro), à alma sensível (coração), e à alma vegetativa ou nutritiva (fígado e intestinos). Esta concepção deu origem, mais tarde, à dos três espíritos, vital, animal e natural, que animavam o Homem. Além disso, era um grande partidário do regime e do exercício como terapêutica, tentando explicar as causas das doenças pelos distúrbios dos quatro elementos: fogo, ar, água e terra.

A dívida da Medicina a Aristóteles é, porém, muito maior. Foi Aristóteles a necessária resposta a Platão, pois, como bem diz Diepgen: «*sin Platón no hubiera existido Aristóteles*» (1).

(1) Diepgen — *Op. cit.*

O seu método especulativo e experimental ao mesmo tempo, fê-lo cair em grandes erros, alguns muito graves «no solo para él, sino tambien para las generaciones posteriores que continuaron edificando sobre la base de aquellas ideas, que atribuyese excesiva importancia a la deducción, o lo que es lo mismo, al procedimiento de llegar a lo special partiendo de lo general» (1).

No juízo de Hallé, é como filósofo e naturalista que devemos collocá-lo ao lado de Hipócrates, porque «ce maître est à la fois la suprême expression de la médecine et le fondateur de la science positive» (2).

Claramente se compreende que as locubrações dos filósofos pre-cristãos influíram imenso nas doutrinas médicas de então; em qualquer tratado de história de medicina vemos os nomes desses homens inscritos como seus pioneiros. Mesmo depois se verificou essa aliança filosófica-médica. Oçamos Hallé; «Le Moyen-âge chrétien, héritier de l'antiquité, vit dans les monastères et les écoles abbatiales l'alliance étroite de la philosophie avec le médecine. Albert le Grand, Roger Bacon et Saint Thomas d'Aquin, au XIII^e siècle, philosophes scolastiques universels, traitèrent de la médecine comme des autres sciences naturelles» (3).

Voltemos a Aristóteles, considerado por Garrison um *Asclepiade*: posteriores escolas, como a de Alexandria, repartiram as doutrinas do Estagirita, que viveram durante a Idade-Média cristã e mesmo pelos séculos fora; até ao XVIII e XIX, vêmo-las reaparecer, de quando em quando, nos sistemas e doutrinas da Medicina. A influência dos trabalhos do grande naturalista foi de tal ordem, que o mesmo Hallé, referindo-se à evolução das sciências biológicas, diz que «durant vingt-deux siècles, depuis Aristote, les deux ont marché de pair» (4).

Não posso furtar-me a contar que, no século XV, 1431, o ilustre Infante português D. Henrique, dando casas à Universidade nacional, ordenava que na de Medicina se pintasse um Galeno e na de Filosofia um Aristóteles.

Este facto demonstra e sintetiza a orientação cultural do nosso país nesses dois tam relacionados ramos do saber humano.

Com Alexandre Magno, o estado das sciências altera-se profundamente, no inevitável resultado das suas memoráveis conquistas; assim é que as cidades caídas debaixo do seu domínio, transformaram-se em centros de cultura, cultura admirável celebrada com o nome de *helenismo*.

(1) Diepgen — *Op. cit.*

(2) Noël Hallé — *Éléments de Philosophie Médicale, etc.*

(3) *Op. cit.*

(4) *Op. cit.*

Entre elas figura, à cabeça do rol, a de Alexandria, de relêvo no estudo das Ciências Naturais, da Filosofia, da Medicina, etc.

Figuras de valor enaltecem a velha escola africana: Euclides, Arquimedes, Aristarco, Herófilo, Erasítrato e outros.

Dela florescem, no que respeita à Medicina, as escolas de Herófilo, em Menos Caru (Laodicea) e a empírica, fundada debaixo do império das doutrinas scépticas, prêgadas por Pirron de Elis. Esta última interessava-se unicamente pela terapêutica, abandonando a especulação, o verdadeiro método científico.

Com as glórias de Roma mudará o aspecto cultural médico; conquistados os estados gregos, Roma acolhe os seus homens de sciência; assim o helenismo médico desbanca a medicina primitiva, puramente popular, da capital romana.

Os deuses — sempre o espírito da divindade a esvoaçar sôbre os conhecimentos do Homem! — andam ligados à arte médica, como Salus e Marte, Febus e Mefitis, Lucina, Carmenta, o Esculápio dos Gregos, etc.

Mas o aspecto dessa medicina primitiva e teúrgica sômente com Asclepiades de Prusa, em 91 a. J. C., muda inteiramente, fixando as bases da concepção atomística do mundo, gerando-se a escola metodista, iniciativa de Temisson de Laodicea, seu discípulo, breve seguido por Tessalo de Tralles, Sorano de Efeso, etc. A combater a feição supersticiosa da Medicina aparece também, no século I da nossa era, a notável figura de Dioscórides, de cuja obra diz Diepgen: «*no ha sido superada por otra alguna análoga, ni en su tiempo, ni muchos siglos después*» (1). É, de facto, uma obra terapêutica e farmacológica que merece incondicional admiração.

Nesse mesmo século desponta nova escola médica, a dos *pneumáticos*, que relacionavam a origem da vida com o pneuma (sôpro ou hálito), alma do mundo, originada da Natureza. O coração é sede do pneuma.

Como bem diz o agora citado autor alemão, esta doutrina é o arranjo da antiga teoria da inspiração do ar e sua importância na actividade vital.

No século immediato, outro médico illustre, de Pérgamo, Cláudio Galeno, introduz na Medicina novos alentos, afeiçoando-lhe o aspecto tal como vamos encontrá-la durante tôda a Idade-Média.

Sua filosofia era, em parte, aristotélica, em parte platónica. Para Galeno, o organismo era obra dum Deus, com alma a vivificá-lo; a sua teoria da finalidade relaciona-se com esta concepção, isto é, as acções orgânicas realizam-se para determinado fim, dirigidas ou reguladas pela alma.

Contudo, funda impressão causaram no espírito de Galeno as doutri-

(1) P. Diepgen — *Historia de la Medicina*. Op. cit.

nas das escolas dogmática, empírica e pneumática, deixando em suas memoráveis obras sobejas provas dessa influência.

Como Platão, o médico de Pérgamo admite três estados de alma: animal, psíquica e vegetativa, localizadas respectivamente no cérebro, coração e fígado.

Era, no fundo, uma filosofia espiritualista.



Chegamos, assim, ao fim da história médica antiga. De Galeno por diante nova fisionomia patenteia a Medicina. O nascimento de Jesus Cristo originou a revolução do mundo. Sua paixão e sua morte, após a prègação de doutrinas tão simples e tão humanas e, por isso mesmo, admiráveis e imorredoiras, deram causa à nova religião, com o sangue dos seus mártires, o verbo dos seus Apóstolos, os actos dos seus Santos.

O Cristianismo, assim nascido, modificou completamente, por vezes, a vida da humanidade nos seus principais aspectos; social, moral e científico.

Da sua influência na evolução médica, bem acomodadas são estas palavras de Noël Hallé, para as reproduzir: «*Si la Science périclíte pour un temps, l'esprit et les moeurs médicales, au contraire, se transformeront en s'élevant, sous l'influence évangélique*» (1).

Com o progredir do Cristianismo, a Medicina mais a êle se combina. A Sciência, em geral, e esta com aquela fugiram para «*refugiarse traz de los muros de los conventos*» (2), diz Dieppen.

Assim nasceu a *medicina monástica*, uma das mais fortes características da Idade Média.

Era o labor na paz, que a guerra absorvia a atenção dos homens nas conquistas e na religião nascente.

Desta forma, embora a actividade monacal não tivesse feito adiantar a prática médica, foram os monges, contudo, os conservadores do que já existia, quer em tradição, quer nos manuscritos, confidentes dos conhecimentos greco-latinos.

É de saber, por exemplo, que, no respeitante ao atrazo da anatomia, duas religiões proíbiam terminantemente a dissecação de cadáveres humanos: o Cristianismo e o Islamismo.

Todavia, parte dos sucessos da gloriosa anatomia italiana medieval

(1) N. Hallé — *Op. cit.*

(2) Dieppen — *Op. cit.*

deve-se a autorizações especiais para dissecação e até medidas proteccionistas de elevadas dignidades da Igreja (1).

Bizâncio, velho nome de Constantinopla, abastardada herdeira de Roma, no conceito de Hallé, «*chrétien de croyance, mais encore payen de moeurs*» (2), possuía uma notável medicina, de moldes galénicos, exercida e propagandeada por médicos ilustres como Oribásio, Paulo de Egina, Aétius, Alexandre de Tralles e outros.

Ela representa a medicina do Baixo Império Oriental, que os Árabes continuaram, sob a autoridade máxima de Galeno.

No século IX da era cristã começa a destacar-se do religioso o elemento científico laico, secularizando-se o ensino ou tentando secularizar-se. A fundação da escola neo-latina de ensino laico em Salerno, nesse século (?), para isso contribuiu largamente.

Ela foi a precursora das universidades: mais tarde, funda-se a de Mompilher, logo seguida por outras. Agoniza após quinhentos anos de ensino.

A escola de Salerno não revestia qualquer aspecto religioso.

A Medicina unia-se então a Filosofia, por bem atados laços, dominada pela doutrina Aristotélica.

As ordens religiosas, cêdo instituídas, tornam-se senhoras da Filosofia e das sciências: tal aconteceu com a de S. Bento. O seu primeiro mosteiro, fundado em 529 perto de Nápoles, notabilizou-se pelas traduções e comentários às cópias-manuscritos de obras de Hipócrates, Aristóteles e Avicena; no século VII, chegou mesmo a revestir a feição de escola médica.

Voltemos aos árabes. No tempo dos Califas, dá-se a conquista de meio mundo, a Síria, a Pérsia, o Egipto, a Mesopotâmia, a África do Norte, parte da Península Hispânica e mais.

Dos seus dois califados do século IX, Bagdad e Córdova, o primeiro torna-se um elevado centro médico, de orientação alexandrina. Rhazès, Avicena, Albucassis, Averroes, etc., são os coriféus da sciência islâmica.

Um homem aparece ao tempo, Carlos Magno, apaixonado pela cultura, guerreiro insuperável, protegendo o ensino e constituindo, ajudado pelos conventos e ordens religiosas, as bases dum ensino regular eclesiástico, a chamada *escola palatina*.

Alcuin, da igreja de York, foi seu organizador. Logo se instituem outras escolas: Aix-la-Chapelle, Tours e Paris, e ainda nos mosteiros de Saint-

(1) A. Castiglioni — *Histoire de la Médecine*. Edição francesa, Paris, 1931.

(2) Noël Hallé — *Éléments de Philosophie*, etc.

Luis de Pina — *A Escola Anatômica de Bolonha*. Lisboa Médica. Lisboa, 1932.

Wandrille, Saint-Gervais e Selingenstadt; semelhantes núcleos culturais e de ensino aparecem nos estados carolíngios, Alemanha, Lotaringea, França, Itália do norte, embriões das futuras universidades.

Nos mosteiros medievais devemos nós procurar a assistência hospitalar primitiva, representada por enfermarias custeadas pelos monges que as dirigiam.

Alguns foram médicos, outros dedicaram-se, por espírito cristão, e por piedade, à prática da Medicina. Como bem diz *Castiglioni*, um dos mais eruditos historiadores da Medicina: «*les pères de l'Église deviennent les gardiens de la science, et c'est principalement à eux que nous devons le maintien des traditions de la ancienne médecine grecque*» (1). E, a-propósito dos Beneditinos, diz o grande historiador Wells:

«*La diffusion des monastères de l'ordre ou da type bénédictin, au VII^e et au VIII^e siècles, fut très rapide.*

Partout on les voit, véritables centres de lumière, s'efforcer de maintenir et d'élever d'un degré le niveau de la culture, veillant à ce que fût conservé un rudiment d'instruction élémentaire, répandant les arts utiles, multipliant les livres et constituant des fonds de bibliothèque, offrant au monde le spectacle d'une véritable armature sociale» (2).

Alguns desses eclesiásticos foram médicos, como disse, e notáveis, por vezes. Assim, *Benedito de Nurzia*, fundador da ordem dos Beneditinos, no Monte Cassino, falecido em 543, dispensou desveladíssimos cuidados aos enfermos: *Cassidoro* (480-475), foi botânico-médico e leitor dedicado das obras clássicas de Medicina, que aconselhava aos monges; *Benedito Crispo*, arcebispo de Milão em 700, escreveu o *Commentarium Medicinale*; *Walafridus Strabo*, do século XI, abade de Reichenau, cantou em verso apaixonado, no seu livro «*Hortulus*», a utilidade terapêutica de certas plantas que cresciam no jardim do seu mosteiro; o Bispo *Marbod*, de Rennes († 1123) e *Santo Isidoro*, de Sevilha (século VII), à Medicina se dedicaram também: todos sabem que este último escreveu as *Etimologias*, famosa e rica enciclopédia. O abade de Fulda, *Harbanus Maurus* (século VIII-IX) escreveu vinte e dois livros sobre vários assuntos, intitulados *De Universo*; até uma religiosa, a célebre monja *Santa Hildegarda*, abadessa de Ruperstberg-Bingen (século XII), compôs um curioso livro de medicina, o «*Causæ et Curæ*» e outro sobre «*Physica*». *Bertharius*, abade de Monte Cassino, escreveu sobre Medicina e terapêutica (857-884), e as obras dos dominicanos *Beauvais*, *Bartholomew Glauvil*, *Thomaz de Cantimpré* e outros, contém partes dedicadas a assuntos médicos.

(1) A. Castiglioni — *Histoire de la Médecine*. Paris, 1931.

(2) H. G. Wells — *Esquisse de l'Histoire Universelle*. Paris, 1926.

Sabido é que alguns santos foram médicos, como S. Cosme e S. Damião, cujo culto se espalhou largamente no mundo cristão e particularmente no nosso país. Estes dois santos foram considerados os patronos da Medicina, havendo escolas em que as suas imagens ilustravam as paredes das aulas, como vi em Bolonha na sala dos actos grandes. Em Portugal houve a confraria de S. Cosme e S. Damião, muito em relação com a classe médica ⁽¹⁾.

S. Pantaleão, para não citar outros, patrono desta invicta cidade, foi também médico.

Desde Carlos Magno até ao Renascimento, a Medicina é influenciada poderosamente pela criação das universidades, pela fundação dos hospitais e pelo estabelecimento de ordens religiosas. Assim, e citando Hallé, «*La caractéristique du Moyen Âge universitaire c'est la Scolastique*» ⁽²⁾, de influência extraordinária na evolução da Medicina.

No começo da idade escolástica é permitido aos clérigos o exercício médico; os próprios mestres de muitas Universidades foram eclesiásticos, bem como os estudantes, em grande parte. Porém, o concílio de Latrão proíbe aos sacerdotes, em 1215, o exercício da cirurgia, determinação que nem sempre se cumpriu. Somente depois do Renascimento e da Reforma os clérigos abandonaram a profissão e o ensino da Medicina.

No intuito de glorificar o Criador, a Escolástica era um ensino cristão que tentava harmonizar os conhecimentos, científicos com o dogma e orientando-se, duma maneira geral, pela filosofia de Platão e pela Lógica de Aristóteles.

O apogeu da escolástica foi, precisamente, a época dominicana, marcada pelo aristotelismo cristianizado ⁽³⁾.

Um concílio provincial de Paris, em 1210, bem como o Cardial Courzon, legado pontifício na capital de França, proibiam a leitura da obra de Aristóteles; mas, em 1366, os legados do Papa Urbano V, naquela cidade, obrigam à leitura de toda a obra aristotélica nas licenciaturas em Artes.

Devemos repetir o que diz *Grabmann*, a-propósito da natureza da filosofia dos séculos XIII e XIV; o douto historiador afirma que ela não é somente mera cópia da de Aristóteles, pois outras doutrinas filosóficas a influenciaram, como as de S.^{to} Agostinho ⁽⁴⁾. No século XIV três monges

⁽¹⁾ Silva Carvalho — *O culto de S. Cosme e S. Damião em Portugal e no Brasil*. História das Sociedades Médicas Portuguesas, Coimbra, 1928.

⁽²⁾ N. Hallé — *Op. cit.*

⁽³⁾ N. Hallé — *Op. cit.*

⁽⁴⁾ M. Grabmann — *Filosofia medieval*, Barcelona, 1923.

enciclopedistas tentam subordinar a Ciência ao Dogma, não o conseguindo: Alberto, o Grande, Tomás de Catimpré e Vicent de Beauvais (1). A Alberto Magno-Albert von Bollstädt — chama Garrison o Aristóteles do seu tempo e o mais eminente naturalista do século XIII.

O mesmo Grabmann, um dos maiores investigadores e críticos da filosofia medieval, a quem Portugal muito deve pelos seus valiosos estudos sobre Pedro Julião—o nosso Papa João XXI—diz-nos que a filosofia escolástica, cujo pai foi Santo Anselmo de Canterbury, não brotou assim sem tradições, antes representa o desenvolvimento da antiga filosofia, *patristica* (agostiniana) e arábigo-judaica.

A notável relação entre Filosofia e Cristianismo vinha já de muito longe, do tempo da escola de Alexandria (2).

La Guardia refere essa união, dizendo: «*la médecine et la philosophie furent étroitement unies dès leur origine et en Hippocrate. Cette alliance se perpétua pendant les siècles...*».

Não seria correcto prosseguirmos sem referir, como faz Grabmann, as fontes filosóficas da *patristica*, isto é, o estoicismo, o platonismo eclético popular e o neo-platonismo.

À primeira prendem-se os nomes de Minúcio Félix, Santo Ambrósio e Lactâncio, que colheram elementos da ética estoica de Séneca e Cícero, S. João Crisóstomo e S. Teodoreto de Ciro; à segunda, os Santos Padres; à terceira, Nemésio, Sinésio de Cirene e outros.

Grabmann comenta também que o platonismo foi, para o maior dos Padres de Igreja, Santo Agostinho, o «*guia decisivo que lo ha conducido al cristianismo*».

Seja-me perdoada esta digressão por campo aparentemente alheio ao tema deste estudo; ela justifica-se, porém, pela necessidade de relacionar o aspecto da filosofia medieval com o da Medicina, quer no estrangeiro, quer entre nós.

Antes de mais nada, deve dizer-se que nas escolas onde se ensinavam as Artes (Faculdades de Artes) era adoptada uma filosofia não unida à teologia, à qual Grabmann chama «*filosofia das Faculdades de Artes*». Estava ela mais intimamente ligada às Ciências naturais, à Lógica, à Medicina, seguindo as doutrinas de Aristóteles, apoiada por Avicena e Averrois. Os seus principais autores foram Dominico Gundisalvo, Morlai, Careshel, Hibernia, Siger de Bramante e outros.

Este último, aristotélico-averroísta, muito influíu na Ciência do tempo

(1) N. Hallé — *Op. cit.*

(2) Noël Hallé — *Éléments de philosophie, etc.* — *Op. cit.*

e posterior, até aos séculos XIV e XVI, defendido por Albano, Jandum e Paulo de Venesa, a-pesar-das proibições eclesiásticas e da opinião de S. Tomás de Aquino, transformador da lógica de Aristóteles, e Alberto Magno ⁽¹⁾.

Claro que os filósofos, cristãos ou não cristãos, tal como os antigos gregos e alexandrinus, já referidos, procuravam explicar, entre outros problemas, o da vida e o da alma, suas relações com o mundo exterior, o poder da Divindade, e tantos outros, estreitamente ligados a problemas de ciências naturais, de Anatomia e Fisiologia. E muito carregaram para o conhecimento de certos aspectos da medicina os filósofos da Igreja, como o Santo filho de Mónica, nas suas especulações psicológicas, entre as quais as referentes a crianças. Sabido é também que nos livros do Papa João XXI ⁽²⁾ se colhem preciosos ensinamentos sobre vários ramos da Filosofia, especialmente Psicologia.

Na sua ética, Santo Agostinho considera Deus como ser perfeito e absoluto, Supremo Bem. Toda a moral se resume, para o grande Padre, no triunfo da caridade, no amor a Deus e ao próximo. Nesta doutrina se baseia, pela Idade-Média fôra, a acção religiosa-cristã na Medicina, criando hospitais, confrarias e ordens.

No que respeita à filosofia árabe, achamos nela pensadores notáveis, alguns embebidos nos escritos dos doutos cristãos dos séculos IX e X.

Uns foram aristotélicos, como Al-Kindi (século IX), Alfarabí (século X) e Avicena, aristotélico puro, cujas obras, especialmente o «*Canon*», foram os principais esteios da medicina medieval, mesmo entre nós, ao lado das obras de Hipócrates e Galeno.

Averrois foi, segundo Grabmann, o maior dos filósofos árabes aristotélicos.

Destas correntes filosóficas cristãs e árabes se alimentou a parte teórica da medicina medieva. A Escolástica, se não deixou progredir com brilho as Ciências naturais, também as não deixou estagnar, sendo atraídos para o estudo da Anatomia e da Fisiologia muitos dos filósofos escolásticos.

Não podemos esquecer o «*Doctor Mirabilis*», Roger Bacon († 1292?), afamado franciscano inglês, com o qual, na opinião de Diepgen, começa o pre-renascimento médico ⁽³⁾ e que, segundo Garrison, foi o (precursor das ciências indutiva e experimental) ⁽⁴⁾.

⁽¹⁾ Grabmann — *Op. cit.*

⁽²⁾ Joaquim de Carvalho — *Cultura filosófica e científica*. In *História de Portugal*. Dir. por D. Peres. 4.º volume. Barcelos, 1933.

⁽³⁾ Diepgen — *Op. cit.*

⁽⁴⁾ Garrison — *Op. cit.*

Bacon afirmou que na experiência estava a base do progresso das ciências naturais, opinião tão moderna, como inteligente.

Como êste, outros nomes poderemos citar no campo dos escolásticos cientistas, tais os de Alberto Magno, Pedro Peregrino de Maricourt, Nicolau de Oresme, S. Tomás de Aquino, Francisco de Meyronnes, etc.

A-propósito, Garrison diz que a medicina interna era essencialmente escolástica e monástica «*porque sus cultivadores eran o frailes o eruditos del tipo de los maestros intelectuales más adelantados de la treceava centuria: Rigerio Bacon, Santo Tomás de Aquino, Duns Scott y Albert Magno*» (1).

A Escolástica do século XIII, ou Alta Escolástica, sofreu grande influência da Universidade de Paris e da introdução dos Franciscanos e Dominicanos na vida científica das nações. A isso, juntou-se a renovação do estudo das fontes filosóficas aristotélicas, árabes, judaicas e neo-platónicas.

Para finalizar, referir-nos-emos a S. Tomás de Aquino, discípulo de Martin, Hibernia e Alberto Magno, professor em Paris, Itália, e na escola da ordem de S. Domingos, a que pertenceu.

Foi o melhor comentador medievo de Aristóteles e, portanto, o maior conhecedor da obra do grande naturalista.

Concebida a vida pelo aspecto marcadamente religioso, não desprezava os conhecimentos profanos na ciência, procurava a verdade em tudo.

Combateu Averrois e filósofos judeus, no que apresentavam de anti-teológico; o seu «*edificio metafísico descansa sobre base aristotélica, pero tiene un remate agustiniano*», diz Grabmann (2).

São notáveis, no campo da Psicologia, as suas concepções sobre a alma, a relação entre esta e o corpo, as potências anímicas e, especialmente, as da psicologia do conhecimento.

A sua ética cristã é a mais valiosa da Idade Média, afirma aquele crítico.

Foram muito notáveis os seus discípulos, quer na sua Ordem, quer na angustiniana, como Arnaldo de Vilanova, organizador do brilhante prolfante programa de estudos para a Universidade de Mompilher, fundada em 1298, por bula de Nicolau IV, e autor também da notável enciclopédia médica «*Breviarum practicæ*». À história dessa Universidade devemos prender também os nomes do bispo de Maguelone, Pierre de Conches e Hugo Mans, da Ordem dos frades menores, organizadores dum estatuto referente à obtenção dos graus (1240).

(1) Garrison — *Op. cit.*

(2) Grabmann — *Op. cit.*

Com S. Tomás de Aquino atinge a Escolástica o seu máximo esplendor.



Passamos assim, em rápido estudo, o variado aspecto religioso da Medicina, desde os tempos mais afastados até ao fim da Escolástica.

Resta-nos, agora, tratar da medicina prática medieval, correspondente ao tempo da fundação da nossa nacionalidade, até ao fim do século XV, em que uma mulher cristã, orientada por um monge devotadíssimo e digno da admiração de todos, frei Miguel Contreras, fundou a piedosa e hospitalar Confraria da Misericórdia.

Estudada rapidamente a evolução cultural estrangeira, façamos agora o confronto com a portuguesa, mostrando as necessárias influências.

Qual seria a feição dos estudos humanitários e médicos entre nós, nos primeiros séculos da nacionalidade? Naturalmente idêntica à europeia, que já esboçamos. Em alguns dos seus últimos trabalhos, bem no-lo conta o professor Joaquim de Carvalho ⁽¹⁾. No século XV era grande na Universidade de Lisboa a influência do espirito herético de Siger de Bramante, averroista, oposto em doutrina a S. Tomás de Aquino, seu contemporâneo, de que falamos noutra lugar.

Aquêlê santo e Duns Scotto, um dominicano, outro franciscano, dirigiram a filosofia das respectivas ordens, mas «só o tomismo impregnou a cultura nacional».

No que respeita a Pedro Hispano, cujas obras seriam lidas em Portugal, diz o citado crítico que é sempre «o aristotelismo, latino ou árabe, que encontramos na origem e no termo do seu pensamento».

Sobre a filosofia natural, ligada intimamente aos conhecimentos da Medicina, entre nós e lá fora, escreveu o seguinte: «A filosofia natural nasceu e, em grande parte, gravitou em tórno das religiões ou, mais precisamente, das teologias, das quais era solidária, quando não subordinada. Esta relação, verdadeira para os povos ocidentais da Idade Média, é-o de uma forma muito particular para Portugal, pois é quasi só na esfera da patristica e da teologia cristã que se move o vago e ténue espirito filosófico».

Refere ainda o douto professor que «nos séculos XII, XIII e XIV em todos os distritos do conhecimento científico se acusa a influência decisiva

⁽¹⁾ Joaquim de Carvalho — *Op. cit.* e *Instituições de cultura*. In «História da Literatura Portuguesa Ilustrada». Lisboa.

da síntese aristotélica e das compilações e enciclopédias medievais, das quais a de Santo Isidoro de Sevilha parece ter dominado».

Claramente que, ao lado da medicina eclesiástica, embebida nestes princípios, resumidamente expostos, existia uma medicina laica, de sabor galênico, especialmente nos séculos XII e XIII.

Escreveu Hallé: «*Au moyen âge, la loi de charité chrétienne a fait les «hopitaux», et les hopitaux ont fait les ordres hospitaliers: l'assistance publique chrétienne était née*» (1).

E ainda a-propósito desta afirmação, ouçamos o professor Singer, ao criticar a influência do Cristianismo na Medicina:

«*It is sometimes alleged that the advent of Christianity was a factor in the decay of Science, but Science was, in fact, in head long decay before Christianity was in a position to have any real effect on pagan thought*» (2)

Grande parte da actividade médica da Idade Média passa-se nos hospitais particulares, monacais ou das ordens militares e religiosas.

Contudo, a existência de tais estabelecimentos é anterior. Entre os hindús alguns hospitais foram criados, já referidos no século IV a. de J. C. (3). A tradição refere que Fabiola erigiu um em Roma, no século V da nossa era; um dos filhos de Clovis teria criado outro em Lião, cêrca de cem anos depois. Outros se seguiram, como o Hôtel-Dieu, de Paris, no século VII.

Por falar nesta denominação Hôtel-Dieu, devemos elucidar que os doentes eram considerados nesse hospital como «enviados de Deus».

A superiora do hospício de Beaune, ao entrar na sua casa um dêsses infelizes lançava-se de joelhos a seus pés, e sublimemente exclamava: «Senhor Doente, benvindo sejas da parte de Deus!».

Desta forma, a obra dos médicos e enfermeiros era uma obra de misericórdia.

As fundações de hospitais, albergarias, hospícios, pousadas, etc., para pobres, peregrinos e doentes, devem-se, de maneira geral, às ordens religiosas, que muitas foram. Entre outras: Comunidade do Hospital «della Scala», de Siena (século IX), a do Espírito Santo (Roma, século XIII), de S.^{ta} Isabel (Terceira franciscana), Irmãos de S. João de Deus ou da Misericórdia (1334), Hospitalários de S. Lázaro, de S. João de Jerusalém (transformada, mais tarde, em Ordem militar, com os nomes sucessivos de S. João

(1) N. Hallé — *Op. cit.*

(2) C. Singer — *A Short History of Medicine*. Oxford, 1928.

(3) Garrison — *Op. cit.*

de Acre, de Rodes, de Malta), Irmãs de S. João de Jerusalém (século XII), Irmãs do Hôtel-Dieu, de Paris, etc.

Como se vê, não faltavam instituições de admirável fé, constância, abnegação e caridade, sustentando casas onde se albergavam os pobres enfermos, socorridos com boas obras e boas palavras! Essa foi uma das iniciativas de maior brilho na Idade-Média, desenvolvendo-se em amável realidade no seio da Igreja, que a alimentava como madre solícita.

Socorrendo-nos, mais uma vez, de Noël Hallé, bom guia e bom mestre, ao mesmo tempo, teremos ocasião de dizer *«qu'on place le bilan social du XIX^e siècle à côté de celui du XIII^e, et on sera mené à conclure: la croyance a fait jadis ce que la science d'aujourd'hui, réduite à ses propres forces, n'aurait pu faire. L'histoire l'affirme: c'est la foi, quelle qu'elle soit, la foi forme active de la croyance, qui fait les grandes oeuvres, et par elle mène le monde»*.

*
* * *

Não podemos demorar-nos no estudo da vida científica da Península Ibérica e região que constituiu o condado portugalense. Das tentativas dum natural empirismo médico na pre-histórica, da influência dos povos que vieram à Península, quer colonizando-a, quer conquistando-a, desde os Fenícios e Gregos aos Cartagineses, Romanos, Bárbaros, etc., já tivemos ocasião de tratar largamente num dos nossos trabalhos ⁽¹⁾.

São vagos, no entanto, os conhecimentos até ao governo de D. Sesnando que, inteligentemente, anuiu à instalação de um seminário ou escola, pedida por D. Paterno, bispo de Coimbra, a qual floresceu até 1192, junto da Sé da velha cidade.

Refere o professor Joaquim de Carvalho que as escolas catedrais e episcopais, como aquela, fundada entre 1082-1086, foram os mais antigos rudimentos de estudos regulares.

Depois dos concílios de Latrão (1179 a 1215) espalham-se pelas dioceses escolas similares.

Naquele nosso trabalho, já referido, tivemos ensejo de falar de uma dessas instituições, estabelecida em Guimarães e anexa à sua célebre e velhíssima Colegiada, à qual D. Denis deu estatutos novos em 1291.

⁽¹⁾ Luís de Pina — VIMARANES. *Materiais para a história da Medicina Portuguesa (Arqueologia, Antropologia, História)*. Porto 1929.

Vide também o notável e anterior trabalho de José Leite de Vasconcelos: *Medicina dos Lusitanos*, Lisboa. 1925.

Notáveis escolas foram também as conventuais, como a de Santa Cruz de Coimbra e Santa Maria de Alcobaça (a primeira fundada em 1132), que viveram até ao Renascimento.

O ensino, nessas escolas, era defeituoso ou, dizendo melhor, insuficiente.

O primeiro incremento dado à Escola de Santa Cruz, com seu hospital para doentes e peregrinos, onde teve começo a ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, deve-se a D. Sancho I, que dispensou 400 morabitinos ao respectivo mosteiro para que os seus monges fôsem estudar em França, melhorando assim os conhecimentos aqui adquiridos.

Porém, só em tempo de D. Denis tomam essas escolas nova feição com o estabelecimento da Universidade portuguesa (Estudos Gerais); data de 1 de Março de 1290 o diploma real da sua fundação.

De tôdas as acções sociais da Igreja portuguesa, a criação da nossa Universidade foi das mais brilhantes. Embora haja opiniões diversas sôbre a origem dos Estudos Gerais e personagens que tiveram a idéa dessa fundação, Maximiano Lemos aceita esta, que resume em poucas palavras: «*A criação da Universidade foi devida especialmente aos esforços do clero português*» (1).

Da importância dêste facto já nem é necessário falar; mas fique bem eminente a influência de dignatários da Igreja no espirito do ilustrado Rei D. Denis, para que tão alevantada instituição fôsse instalada em Portugal.

E como a criação duma universidade é sempre motivo de reforma no movimento científico dum país e um orgulho bem justificado para o mesmo justo é destacarmos, neste estudo, o altíssimo papel desempenhado pelas dignidades eclesiásticas que criaram a nossa. São dignos de reconhecida memória o Pontífice Nicolau IV e El-rei D. Denis, sendo agora bem cabidas estas palavras de Garrison, eminente historiador da medicina:

«*Solamente el fanatismo holgazán es capaz de afirmar que los papas y los emperadores no han prestado un gran servicio a la Medicina con la creación de una buena legislación médica, con la constitución y creación de las universidades medievales y con el estímulo, en muchos casos, del talento médico individual*» (2).

E deve notar-se que, desde 1200 até ao fim da Idade Média, fundaram-se na Europa oitenta universidades ou faculdades gerais! (3)

(1) M. Lemos — *Op. cit.*

(2) Garrison — *Op. cit.*

(3) Arturo Castiglioni — *Histoire de la Médecine. Edição francesa.* Paris, 1931.

Teófilo Braga não aceitava a opinião de ter nascido a Universidade portuguesa por iniciativa eclesiástica. Maximiano Lemos, em lúcida crítica, reprova esta idea (1). Sendo assim, vários prelados, reitores, abades e alguns seculares solicitaram ao monarca a fundação dos Estudos Gerais, cujas despesas seriam cobertas por rendas de mosteiros e igrejas; não é só de reconhecer, portanto, a idea, mas também a forma de a pôr em prática, com sacrificio dos próprios bens eclesiásticos.

A confirmação dos Estudos Gerais fôra pedida em 12 de Novembro de 1288, pelo Abade de Alcobaça, pelos Priores de Santa Cruz de Coimbra, de S. Vicente de Lisboa, de Guimarães, de Alcáçova de Santarém e por mais vinte e dois reitores de diversas igrejas.

O Bispo D. Domingos Jardo e o Cardeal Aymeric d'Ébrard, perceptores de D. Denis, fundaram em 1286, na cidade de Lisboa, o ensino de Teologia e, naturalmente, o das Artes (2). Em 1286 criou o Colégio dos Santos Paulo, Elói e Clemente.

D. Domingos Jardo seria também, na opinião de Francisco da Fonseca, Rodrigo da Fonseca e António de Sousa de Macedo, o instigador da criação dos Estudos Gerais, junto de D. Denis; D. Isabel, a Santa Rainha Isabel, é também apontada como única criadora dos mesmos (3).

O Padre Francisco de Santa Maria fala-nos igualmente dum Congresso de «todos os prelados e ricos-homens do reino», em 11 de Fevereiro de 1288, para resolverem estabelecer a Universidade. Bluteau afirma que D. Denis e os prelados a pediram ao Sumo Pontífice. Outra opinião inclina-se para que fôsse o Cardial d'Ébrard o iniciador do movimento pro-universidade, junto do seu educando, D. Denis, sôbre o qual exerceria, é certo, grande influência.

A admitir-se, como deve, a opinião seguida pelo professor Maximiano Lemos, cauto e douto historiador da medicina pátria, a Universidade deve-se à Igreja portuguesa. Nela parece ter sido ensinada a Medicina, desde a fundação. Já anteriormente, em Santa Cruz de Coimbra, era professada e cursada por clérigos; no próprio seminário de D. Paterno, mais velho que a escola dos Cônegos Regrantes de Santa Cruz, a Medicina fôra ensinada, segundo sugestão do Professor Gouveia Osório (4).

(1) M. Lemos — *Op. cit.*

(2) Joaquim de Carvalho — *Op. cit.* em «História da Literatura Portuguesa Ilustrada».

(3) M. Lemos — *Op. cit.*

(4) Gouveia Osório — *Oração Inaugural*. 1860-1861. «Archivos da História da Medicina Portuguesa». Volume II. Pôrto, 1888.

D. Gonçalo Dias, Prior de Santa Cruz, consegue de D. Sancho I auxílio para enviar a Paris alguns dos cônegos aprender Medicina, facto muito importante e já referido, não só pelo valor de tal iniciativa, mas também por representar uma das mais antigas tentativas portuguesas de envio de bolseiros ao estrangeiro, tal como hoje, setecentos anos passados, pratica o Estado, por intermédio da benemérita Junta de Educação Nacional.

Mais uma prova, indiscutível, da acção benéfica da Igreja na evolução da medicina pátria, nos começos da nacionalidade!

Um dos primeiros cônegos médicos a partir para França, naquelas condições, foi D. Menço Dias, sobrinho do Prior D. Gonçalo. Parece ter sido este o primeiro mestre de Medicina em Portugal. Gouveia Osório, velho professor da nossa Escola de Medicina portuense, refere--nos o nome dum outro mestre nesta arte, em Santa Cruz, D. Pedro Pires, contemporâneo de D. Mendo.

A organização da Universidade portuguesa era eclesiástica, tal como a do seminário de D. Paterno e da Escola de Santa Cruz, onde só eram admitidos clérigos. Segundo Silvestre Ribeiro, ela foi essencialmente *eclesiástica*, é certo, mas bem lhe quadra a denominação de *pontifícia* (1).

Não repugna admiti-lo. A Universidade de Lisboa pertencia ao tipo das inglesas e de Paris, isto é, às *eclesiásticas*; houve também universidades *medievais estaduais* e *comunais*. Muitas, mesmo grande parte delas, nasceram de velhas escolas conventuais; a de Portugal cabe perfeitamente neste género.

Nessas escolas conventuais estrangeiras estudavam-se as sete artes liberais e, entre elas, a Medicina, como nas de Saint-Gall, York, Chartres, Tours, Winchester, Canterbury, Fulda e outras.

A criação de Santa Cruz e dos Estudos Gerais fêz-se a exemplo do que lá fora se executava; e o clero português não se mostrava alheio ao movimento cultural que se manifestava pelo mundo. Em Portugal, por sua iniciativa, floresceram obras escolares semelhantes, naturalmente em grau inferior, às escolas do Monte Cassino, onde S. Bento fundou o hospital da sua Ordem, a de Saint-Gall, centro famoso de estudos médicos, às de muitos conventos da Irlanda, França, Itália, etc.

A cultura, como noutros países, aconchegava-se nos mosteiros, nas notáveis escolas abaciais, como Alcobaça, Santa Cruz, Guimarães, Colégio de Santo Elói, S. Paulo e S. Clemente, nos quais se ensinava Gramática, Teologia, Lógica, Cânones, Latim e Grego.

Nas mãos da Igreja residia, assim, a cultura portuguesa.

(1) Referido por Maximiliano Lemos. *Op. cit.*

Livrarias muito consideráveis existiam nos mosteiros, como em Braga, Pôrto e Guimarães, sendo a desta última cidade, pertencente à Colegiada, a mais antiga de Portugal ⁽¹⁾.

Também foram notáveis as de Lorvão, Santa Cruz e Alcobaça; esta, no dizer do Professor Joaquim de Carvalho, foi «a biblioteca nacional do Portugal medievo» ⁽²⁾.

Durante os séculos XII e XIII nos mosteiros destas últimas nações a Medicina, pôsto que bastante rudimentar, era ensinada aos monges.

Nêste tempo se estabelecem as primeiras enfermarias, às quais S. Bento consagra um capítulo da sua regra.

Cá dentro, como lá fora, o movimento médico eclesiástico salienta-se bastante, ensinando-se, como se viu, a medicina em Coimbra, confiando os monges, uns aos outros, os seus conhecimentos sôbre a mesma, exercendo-a com largueza a-par-dos médicos laicos, especialmente nos hospitais conventuais e durante as epidemias, cultivando nos seus jardins claustrais as plantas terapêuticas, — criando-se assim os primeiros boticários —, socorrendo os feridos das guerras e outras tantas obras de verdadeira piedade e amor do próximo.

É indiscutível a acção dos monges durante os flagelos epidémicos; quando da peste de 1348, terrivelmente devastadora, Clemente VI concedera indulgências aos sacerdotes que prestassem cuidados aos pobres pestosos e plenárias indulgências aos que morressem em tão perigosa missão.

Pode dizer-se, também, duma maneira geral, que os estabelecimentos hospitalares portugueses nasceram junto dos conventos, das catedrais, das igrejas, na sua primitiva forma de albergarias, enfermarias e hospícios.

Seus administradores eram, quási sempre, eclesiásticos, e seus médicos também. Nêles se recolhiam pobres, peregrinos e viandantes, que aí encontravam, com certeza, cama, um caldo reconfortante, remédios, se dêles careciam, e o necessário confôrto religioso.

É esta, em resumo, a simples e cristã história dos nossos hospitais medievos.

Como diz Garrison, «*la principal gloria de la medicina estaba, indudablemente, en la organización de los hospitales y asilos para enfermos, que han tenido su origen en las doctrinas cristianas*» ⁽³⁾.

Como acontecia no estrangeiro, grande número de hospitais eram

⁽¹⁾ Joaquim de Carvalho — *Op. cit.* In «História da Literatura Portuguesa Ilustrada».

⁽²⁾ Joaquim de Carvalho — *Id. Id.*

⁽³⁾ Garrison — *Op. cit.*

fundados por dignidades eclesiásticas. Lá fora, entre muitos, apontam-se alguns ingleses, como o de Londres, chamado de S. Tomás, estabelecido por Peter, bispo de Winchester, em 1215, e o de S. Gregório, instituído pelo arcebispo Laufranc, em 1084; um grande hospital fundado pelo Bispo Massone, em 580; e mais, muitos mais; a lista seria interminável.

E em Portugal? Que fêz a Igreja neste sentido? Como já disse, quâsi todos os hospitais se devem a iniciativas eclesiásticas, sustentados por clérigos e devotos cristãos.

Quem folhear os velhos códices de doações e testamentos medievais colhe, a rodos, provas desta asserção.

Dentre dezenas de hospitais portugueses apontamos alguns dos mais conhecidos: o de Santa Cruz de Coimbra, o de S.^{to} Elói, o do Espírito Santo em Tôrres Vedras, o de Lisboa, os de Guimarães, os de Sant'Iago e Santa Catarina, no Pôrto, etc. Estes eram administrados por frades de várias Ordens.

Todos êles, ou quâsi todos, ostentavam o nome dum Santo ou Santa, padroeiros sob cuja invocação se erigiam e viveriam.

O Professor Maximiano Lemos regista na sua magistral obra sôbre a história da medicina portuguesa um longo rol de hospitais, albergarias e leprosórios (gafarias), instituídos, a maior parte, por devoção cristã.

Podemos afirmar, com segurança, que a assistência pública medieval no nosso país era obra da Igreja!

A-par-dos hospitais, havia as confrarias, de feição religiosa ou laica, algumas das quais, no dizer de Ângelo Ribeiro, «verdadeiras sociedades de socorros mútuos» (1).

Nas gafarias, de administração régia ou municipal, a maioria, eram assistidos os desgraçados leprosos por membros de várias Ordens religiosas.

Em Braga, D. Paio Mendes, arcebispo, fundou um bom hospital que doou aos Templários; o Bispo da Guarda D. Martinho, julga-se ter fundado o hospital de Santarém.

Das Ordens e Congregações religiosas, algumas dedicavam-se piedosamente à sustentação de hospitais e sua administração, como a de Rocamadador e Santo Antão, S. Domingos e S. Francisco, Cister, Santo Agostinho, Hospital de Jerusalém, Trindade, Templários, etc.

Diz Vitor Ribeiro, citado por Ângelo Ribeiro, que a congregação de Rocamadador foi a precursora dos Hospitais e Misericórdias do Renascimento (2).

(1) Ângelo Ribeiro — *Assistência*, in «História de Portugal», dirigida por Damião Peres. Volume IV. Barcelos, 1932.

(2) *Op. cit.*

Numa conferência pronunciada há mais de quatro anos, tivemos ocasião de narrar a importância das Ordens de S. Francisco e S. Domingos nos hospitais de Guimarães, e a origem destes; um, o hospital do Concelho, onde os Franciscanos viveram muito tempo, era já antigo e não custa fazê-lo nascer de qualquer primitiva albergaria junto ao célebre Mosteiro de Mumadona, depois Colegiada (1).

As crónicas de Frei Luís de Cácegas e Frei Manuel da Esperança narram, com singeleza, a acção dos desvelados frades na assistência médica vimaranense. E o que se passava em Guimarães então, repetia-se, da mesma forma, noutras terras do Reino; e assim a história médica de todas as vilas e cidades portuguesas terá, fatalmente, de ser, em parte, a história, e bem brilhante, das Ordens religiosas e conventos!

Devemos frizar, desde já, que a muitos cronistas de congregações cristãs deve a Medicina a indicação de importantes factos que lhe respeitam. Não é possível escrever-se a sua história sem folhearmos as suas narrativas; dentre êsses cronistas, dois já apontámos, Frei Luís de Cácegas e Frei Manuel da Esperança. Além destes, apontaremos Frei Bernardo de Brito, os conhecidos Brandões, Frei Jerónimo de S. José, Frei Francisco de Santa Maria, Frei Fortunato de S. Boaventura, Frei Luís de Sousa, Frei João Baptista de Santo António, Frei Martinho do Amor de Deus, Frei Fernando da Soledade e mais.

Alguns clérigos escreveram mesmo sobre Medicina, como Pedro Julião, etc. Este notável médico, alvo de recentes estudos nacionais e estrangeiros, ascendeu, desde a simples profissão de médico e pároco de Mafra, à de Cônego e Deão da Sé de Lisboa, Arcebispo de Vermoim, Arcebispo eleito de Braga, D. Prior da Colegiada de Guimarães, Bispo e Cardial de Frascati e, por último, Papa, sob o nome de João XXI, tendo sido professor em Siena (2).

Pedro Julião ou Pedro Hispano, que assim se chamava o nosso pontífice, foi um notável comentador de escritores clássicos da Medicina, entre os quais Aristóteles, Hipócrates, Isaac, etc.

É uma das mais notáveis figuras da Igreja e das mais distintas personalidades médicas portuguesas. Segundo Grabmann, Pedro Hispano

(1) Luís de Pina — *Franciscanos e Dominicanos nos Hospitais Vimaranenses da Idade-Média*. Boletim Mensal da Ordem Terceira. Braga, 1929.

(2) Luís de Pina — *Vimaranenses*, etc. — *Op. cit.*

Luís de Pina — *Pedro Julião ou Pedro Hispano (Papa João XXI)*. «Arquivo Histórico de Portugal. Volume I. Lisboa, 1932.

Maia Mendes — *Um papa português «Pôrto Académico»*, 3-4. Março 1929.

foi um bom psicólogo; e afirma: a Psicologia de Pedro Julião é «*la Psicología más ampliamente rica, acabada y sistemizada de la florida escolástica*» (1).

Aos Professores Egas Moniz (2) e Joaquim de Carvalho (3) se devem ultimamente, belos estudos sobre esse erudito homem da Igreja. Num trabalho de há pouco deixámos também estudada a sua complexa biografia. O Professor Joaquim de Carvalho, segundo investigações de Grabmann, aponta uma série longa de trabalhos de Pedro Julião, que o honram e muito ilustram a história médica nacional, mas que o salientam como insigne filósofo.

É também longo o rol dos eclesiásticos médicos portugueses nos primeiros séculos da nacionalidade. Como D. Piores da Colegiada de Nossa Senhora de Guimarães contam-se Pedro Amarelo, que parece ter sido médico de D. Henrique e seu filho D. Afonso Henriques (4), o já citado Pedro Julião, Mestre Pedro (no comço do século XIV), D. Vicente (no mesmo século) e Mestre Afonso Martins (no alvor do século XV).

Nada menos de cinco médicos eclesiásticos elevados à alta categoria de D. Piores duma das mais famosas Colegiadas da Península! (5)

É mais uma prova de aprêço em que era tida a medicina. Muitos dos nossos primeiros sacerdotes-médicos foram assistentes dos Reis.

Poderemos indicar outros nomes, como D. Martinho, Bispo da Guarda, Mestre Mendo, Chantre de Lamego, outro Mestre Mendo, Cónego da Sé desta cidade, Mestre Pedro, Cónego de Évora, Mestre Bartolomeu, Bispo de Silves (?), Mestre Martinho, Cónego de Braga, Mestre Pedro, Cónego de Lisboa e Mestre Tomé, Cónego de Santarém!

Ao monge Luís de Ras devemos a tradução portuguesa duma obra médica, intitulada *Regimento proveitoso contra ha pestenença, do fim do século XV*, o primeiro livro médico impresso em língua portuguesa.

A lista poderia ser ampliada. E, contudo, quantos nomes se perderiam.

A juntar, há os nomes do já referido D. Mendo Dias, de Santa Cruz de Coimbra, e o de S. Frei Gil de Santarém, também de Santa Cruz, que

(1) M. Grabmann—*Reciente descubrimiento de obras de Petrus Hispanus (Papa Juan XXI, † 1277)*. «Investigación y Progreso». N.º 2. Barcelona, 1929.

(2) Egas Moniz—*O papa João XXI*. Biblos. Volume VI. Número 1-2. 1930.

(3) Joaquim de Carvalho—*Op. cit.* em «História de Portugal».

(4) João de Meira—*Se Pedro Amarelo foi físico do Conde D. Henrique e de D. Afonso Henriques*. Arch. de Hist. da Medic., Pôrto. 2.º, 1911.

(5) Luís de Pina—*Vimaranes. Op. cit.*

D. Sancho I enviara a Paris estudar a Medicina. É conhecida a sua vida desregrada em Espanha, junto de nigromantes, durante sete anos. Arrependido, tomou o hábito e regressou à sua Pátria. Chamava-lhe Garrett o «Fausto Português».

Julgamos bem que mais provas do valor dos homens da Igreja na Medicina nacional são desnecessárias.

Seja-nos permitido, todavia, dizer mais algumas palavras sôbre outros factos médicos, directamente relacionados com a acção eclesiástica.

Queremos referir-nos à fundação da Misericórdia, obra de altíssima piedade cristã e de inegável importância para o progresso da medicina portuguesa. D. Leonor de Lencastre, viúva de D. João II, pôs em prática as sugestões do seu bom confessor, instituindo a sua confraria em Lisboa, no ano de 1498. Logo fundada a confraria, cêdo se erige o hospital da Misericórdia, um dos mais adoráveis fins da nascente agremiação, puramente cristã.

À devota rainha D. Leonor se deve ainda a criação do Hospital das Caldas, para cujo acabamento—amorável sinal de um santo espírito cristão!—ela se despojou de jóias e bens dotais!

É de 1492 (15 de Maio) a data do fundamento dum grande Hospital em Lisboa, por D. João II, sob a invocação e protecção de Todos-os-Santos.

Frutos de intensa piedade e fé, estas três obras do fim do século XV, tam valiosas para o ensino e prática da Medicina, são bem um digno remate de quatrocentos anos de acção religiosa no nosso país, como sôbre uma alta pirâmide de mármore branco e liso um vértice luminoso de oiro polido! (1)

(1) Conferência pronunciada na Associação dos Estudantes Católicos do Pôrto, em 25 de Novembro de 1933.





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329662033

